Mês de Junho 1985

Mês de Junho

1985

Programação do mês

Dias:

01 - Concerto de violão com Ana Maria Bedaque - promoção "Con Anima".

11 e 12 - Show musical com o cantor mineiro Marcos Antônio Araujo. - promoção da Vasp.

14, 15 e 16 - O Grupo de Teatro Esquina Colorida apresentou a peça "A Terra é Azul" direção de Villa Ilson.

16 - No Salão de Ballet do JAM foi realizado às 9:00 horas o exame de faixa amarela de Taekwon-do pelo o professor Marcos Antonio Jogarashi.

19 - As 16:00 horas, Aninha Cabeleireira apresentou "Hair Fashion Show - beleza, cabelo e maquiagem.

Labim/UFRN

Dias:

20 e 21 - Peça de Raimundo Saulos "A Fauza do Poder" - elenco: Beto Freitas, Salomão Saulos, Petrovinio Bessa, Vera Silva, Rodrigues Neto e Luciene.

22 e 23 - Espetáculo "Eu Vim às Mulheres" com o comediante Paulo Silvino.

ooo

Labim/UFRN

"CON ANIMA"

apresenta

ANA MARIA BEDAQUE

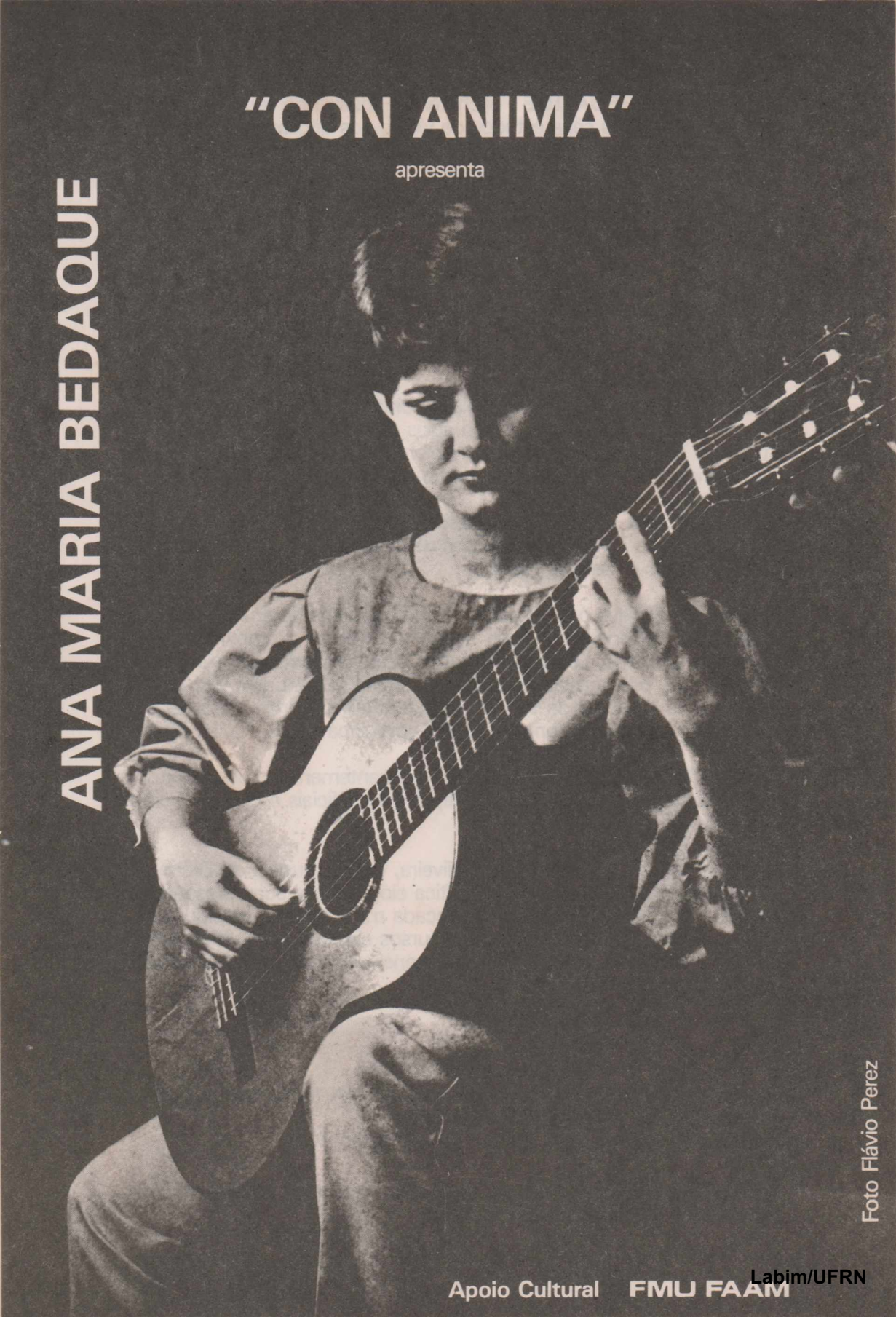


Foto Flávio Perez

Apoio Cultural FMU FAAM

Labim/UFRN

REPÚBLICA/11

SÁBADO, 1.º/06/1985



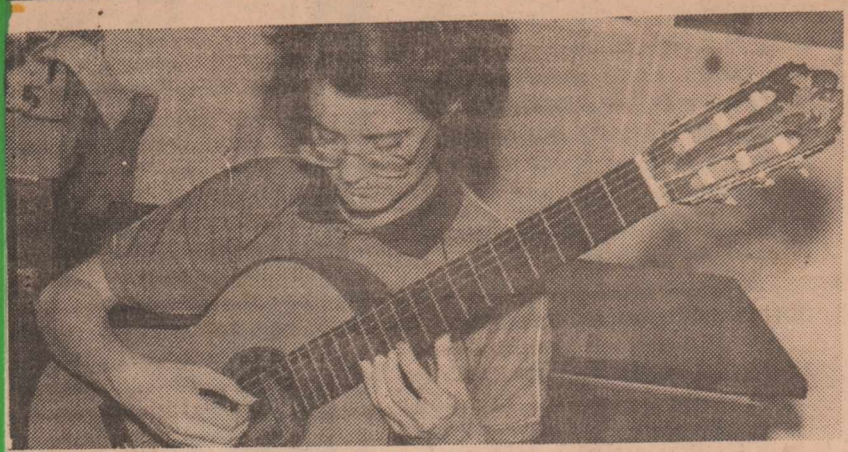
Hoje: Ana Maria Bedaque no "TAM"

A jovem violonista ANA MARIA BEDAQUE, que tem realizado grande trabalho de divulgação do violão como instrumento de concerto, por todo o Brasil, tem a sua apresentação hoje, às 21:00 horas, no Teatro "ALBERTO MARANHÃO". ANA MARIA que já se apresentou em Natal por duas vezes, traz para o público natalense obras de VILLA—LOBOS. BACH, BERKELEY, ANÔNIMO CATALÃO, BROUWER e DOWLAND, mostrando em suas interpretações toda a riqueza técnica, virtuosística e musical do instrumento. A apresentação faz-se por intermédio da "CON ANIMA", com o apoio da "VARIG-CRUZEIRO" e FACULDADE DE ARTES "ALCÂNTARA MACEDO".

Labim/UFRN

A REPÚBLICA/7

SÁBADO, 1.º/06/1985



Ana Maria Bedaque

Violonista paulista toca hoje no Alberto Maranhão

O público natalense apreciador da música erudita tem uma opção muito especial para a noite de hoje. Trata-se da violonista Ana Maria Bedaque, 20 anos, paulista, bacharel em seu instrumento, que estará exibindo-se em recital no Teatro Alberto Maranhão, a partir das 21 horas. Apesar de ainda muito jovem, Ana Maria Bedaque é uma instrumentista que já detém vários troféus: 1º lugar em dois concursos de âmbito nacional, na categoria violão, além de ter realizado inúmeras apresentações por todo o Brasil, através de fundações, órgãos oficiais, e empresas privadas que vêm bancando seus recitais.

Para o espetáculo de hoje, que se tornou possível através do apoio cultural da Varig, da Rede Tropical de Hotéis e da Faculdade de Artes Alcântara Machado das Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU-FAAM, Ana Maria Bedaque tocará Villa-Lobos, Bach, Leo Brower, e Berckay e Marlos Nobre, todos compositores que contribuíram para enriquecer o repertório do violão clássico.

PLANOS

Voltada integralmente para o seu instrumento, Ana Maria Bedaque planeja aperfeiçoar-se sempre mais, para isso já pensa em transferir-se por uns tempos para a Universidade Manhattan, em Nova Iorque. Não que não haja bons professores no Brasil, observa, mas explica que ali os estudos musicais estão mais desenvolvidos se comparados com os nossos. Ademais, revela que o violão clássico no Brasil é vítima de um marcante preconceito por parte do público. - "Geralmente quando se fala em violão no Brasil se pensa em violão popular. Poucos conhecem violão clássico". Mas não só o violão clássico é pouco conhecido no Brasil, de acordo com Ana Maria Bedaque. A seu ver, existe ainda pouco interesse do público também pela música erudita no Brasil, o que só será solucionado com uma ampla reforma na política cultural do País, a partir de profundas alterações nos currículos escolares, que despertem os jovens para a valorização dessa música.

Quanto ao mercado de trabalho para o músico profissional, está péssimo, diz, mas há casos isolados que fogem à regra, mesmo porque algumas empresas privadas já começaram a despertar para mudanças em suas políticas de marketing, através do patrimônio do músico erudito, cujo exemplo é a própria artista.

Labim/UFRN

O Poti-suplemento, 02/06/85

Quadrantes

A figura de Sandoval Wanderley

Sanderson Negreiros

Quando o conheci mais de perto, ele estava se aproximando dos 70 anos. Morávamos na mesma rua — a José de Alencar, antiga rua da Estrela, presença inesquicível no romance de Nei Leandro —, lugar onde realmente troaram hinos, cenário das lapinhas do tabelião Miguel Leandro, avô do poeta, e figura que marcava realmente as horas de Natal, de 50 anos atrás.

Nessa moldura, passava e passeava a figura esguia de Sandoval Wanderley, sempre de branco, chapéu olímpico, camisa de linho inderrotável, a mão guardada no bolso direito; com muito prumo e aprumo, passadas vigorosas subindo a ladeira de sua rua melancólica, em busca do Grande Ponto, onde ele plainava, levitando, sobre a lembrança do passado.

Com a idade de ser meu avô, um libertário tio-avô, várias gerações além da minha, em verdadeiro fluxo bíblico geracional. Contudo, nunca pareceu ser senão jovem, muito jovem, procurando com constância — dava idéia disso —, um lugar de retorno ao tempo em que, como líder político, foi o deputado mais popular e mais votado de Natal. Líder realmente populista, no que o populismo de Café Filho mais significava de revolucionário, na pacatez de luar da província, Sandoval acostumara os ouvidos às aclamações ululantes e aos desafios exagerados da política paroquial. Rouco de tanto ouvir — como está na lição de Benedito Valadares — Sandoval encaminhara-se para ser homem de teatro, só para continuar um comércio permanente e de vibração com uma platéia, para ele sempre prodigiosa, embora carregasse na face o rictus das decepções mais concretas, na sua diáspora cristã.

Foi severo com o adversário, arrivista, indignado, para se tornar, depois, um doce convívio, um poeta do cotidiano. Aí, já esquecera as invectivas, as injúrias e perseguições que sofrera nas campanhas políticas natalenses. Jogou também suas flechas contra o sol — foi um homem de coragem física para, ao fim e ao cabo, armar-se da maior das coragens, que é a moral.

Desiludido da política, dos eternos conchavos de que se alimenta o apetite da luta partidária, deixou de ser um militante romântico para se tornar um neoparnasiano; e o teatro passou a preencher-lhe os dias e as noites. Alcancei a felicidade — disse-nos uma vez: "Consegui esquecer todas as mágoas. Sepultei-as no Potengi..."

Viajava madrugadas inteiras, auroras adentro, noitetes mastigadas, silêncios de uma Natal que dormia às 8 da noite — esse tempo todo estava ensaiando teatro, armando e decompondo peças e textos. A ribalta existia para ele, física e espiritualmente. Mas, na constância improrrogável, sempre de branco, limpo, higiênico, saudável; e muito elegante. Deixou milhares de páginas de teatro escritas, poucas protagonizadas. Escrevia para uma multidão invisível, vasta platéia que nossos olhos não se permitem dimensionar.

Foi um homem que amou seu ofício; tinha a honestidade de ser sempre ele. E isso me soava como sendo um verdadeiro herói, do dia-a-dia, pois Ortega y Gasset já ensinava que herói é aquele que consegue ser o que é...

Como sempre andava com a mão no bolso direito, compondo a elegância dos Wanderley, certa feita chamamos-lhe a atenção para aquele figurino clássico: "Não, não. Isso não é elegância. A mão no bolso direito é para segurar minha hérnia". E riu, sem fingimento.

Em outra conversa, confidenciou: "Eu sei até onde posso ir. E devo ir". Ficou como uma lição que fosse apreendida no velho Montaigne.

De vez em quando, é como se o visse, mesmo desaparecido há mais de quinze anos, passeando pela sua cidade, a Natal que fora sua flauta mágica, seu som iniludível, seu mistério de Orfeu. Andando e passeando silenciosamente, mas ainda de branco, e elegante, com uma cabeleira que já pareceu leonina. Ele queria sentir de novo o perfume dos quintais natalenses, de mangas e rosedás, de alecrim e guerras de manjerona, concluindo sua decisiva peça, de um ato só, cujo pano de fundo é a eternidade.

UM BILHETE:

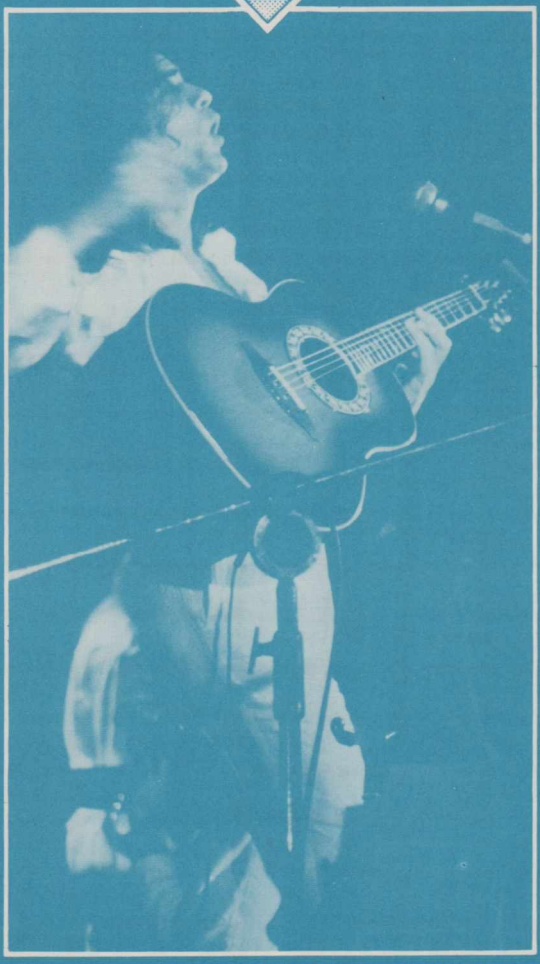
P S — Prefeito Marcos César, caríssimo amigo: e a Lagoa Manuel Felipe? E o Bosque dos Namorados? Salvai-os, enquanto é tempo. Não precisa consultar as bases nem a Emproturn. É o que ainda resta da cidade, bela e parnasiana, de antigamente. As últimas árvores plantadas no Bosque dos Namorados foi no Governo Rafael Fernandes. E a Lagoa Manuel Felipe foi transformada numa cloaca. Clássica. Não se fala tanto nos "colarinhos" brancos que surrupiam a economia do povo? Por que não se verberar contra os "colarinhos brancos" que, ao longo dos anos, só fizeram enfeiar, deteriorar, detratar, amesquinhar a feição original, e inesquecível, de Natal!. O Prefeito já viu como andam as nossas dunas? Não consulteis as bases. Ordenai — e tudo se salvará. E o famoso Plano Diretor de [illegible]

Labim/UFRN

VASP
APRESENTA

MARCO ANTÔNIO ARAÚJO

INSTRUMENTAL 85



TOURNÉE NACIONAL

Labim/UFRN

Marco Antônio Araújo
é mineiro de Belo Horizonte.
O início de sua carreira artística
deu-se em 1968, como integrante
do conjunto "Vox Populi".
Em 1969 transferiu-se para o Rio de Janeiro
e em 1970 para Londres onde
passou longa temporada.

Esta passagem pela Inglaterra ficou
definitivamente registrada em seu trabalho
pela influência recebida das
bandas "pop", dos anos 60/70.

De volta ao Brasil,
estudou teoria musical com Ester Scliar,
violoncelo na Escola Nacional de Música
do Rio de Janeiro,
e violão clássico com Léo Soares.

Em 1977, através de concurso
ingressou como violoncelista
na Orquestra Sinfônica de Minas Gerais,
onde atua até hoje.

O alto nível de sua proposta musical
tem sido sempre motivo de calorosos elogios
por parte do público e crítica.
Com quatro LP's gravados e
com um quinto a ser lançado ainda este ano,
Marco Antônio Araújo torna-se uma
exceção no contexto artístico nacional:
é artísta independente
e faz música instrumental.

FICHA TÉCNICA

Som - Sonar
Operador de Frente - Murilo Correa
Luz - Vicente Prates
Operador de palco - Lúcio Correa
Projeto gráfico - Ipe Silviano Brandão
Fotografia - Estevam Avellar
Coordenação nacional - Viktor Piders

Produções locais

São Paulo / Fred Rossi
Paraná / Marinho Galera e Paulo Botas
S. Catarina / Hamilton Faversani
R. G. do Sul / Dan Ioshpe
Goiás / Anita Leocádia Costa
Ceará / Franzé Santos
Pernambuco / Maria das Graças Melo
R. G. do Norte / Analba Brandão
Alagoas / Gustavo Guilherme Leite
Bahia / Antônio Teodoro Sampaio
Esp. Santo / Sônia Cabral
R. Janeiro / Viktor Piders
B. Horizonte / Strawberry Fields

Direção artística e musical - Marco Antônio Araújo
Produção nacional - Strawberry Fields
/ Belo Horizonte - MG.

AGRADECIMENTOS

- Fundação Cultural de Curitiba
- Fundação de Cultura da Cidade do Recife
- Pró Música de Florianópolis
- Departamento Estadual de Cultura do Espírito Santo
- Fundação Teatro José de Alencar
- NOVOTEL

SOLICITAÇÃO DE REMESSA DE DISCOS

Favor remeter para o endereço abaixo os volumes assinalados:

☐ INFLUÊNCIAS (MAA 001)

☐ QUANDO A SORTE TE SOLTA UM CISNE NA NOITE (MAA 002)

☐ ENTRE UM SILÊNCIO E OUTRO (MAA 003)

☐ ANIMAL RACIONAL (MAA 004)

Nome: _____

Endereço: _____ Fone: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

_____
Assinatura

Esta é uma coleção de discos independentes. O pedido deverá ser destacado e remetido para Strawberry Fields Produções.
Rua Gonçalves Dias, 480 / Apto. 103 - CEP 30000 - Belo Horizonte - MG. • Fone: (031) 344-6248

Labim/UFRN



PROGRAMA

1.ª Parte

Grave •
Folk Song •
Influências •
Floydiana •
Panorâmica •

2.ª Parte

Para Jimmy Page •
Caipira •
Lembranças •
Lucas •
Abertura n.º 2 •

MÚSICOS

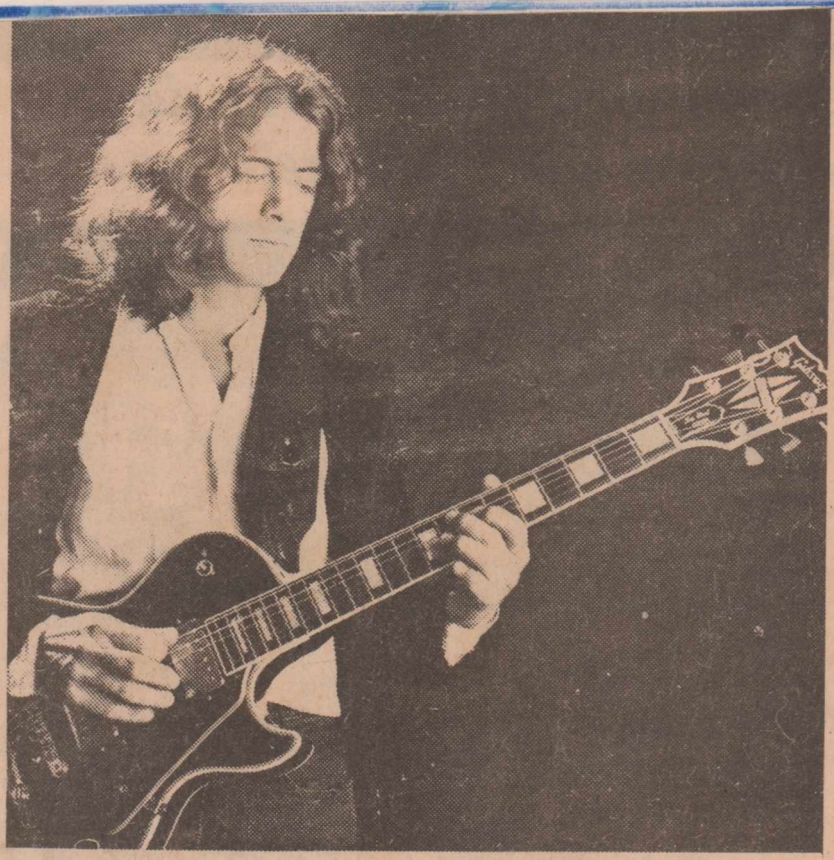
Marco Antônio Araújo - ovation/violoncelo/
violão clássico
Eduardo Delgado - flauta
Antônio Viola - violoncelo
Alexandre Araújo - guitarra elétrica
José Marcos Teixeira Almeida - teclados
Ivan Corrêa - contrabaixo
Lincoln Sheib - bateria

* Todas as composições e arranjos são de autoria de Marco Antônio Araújo, exceto Valsa da Floydiana por Oiliam Lana.

Labim/UFRN

A REPÚBLICA/5

QUARTA-FEIRA, 12/06/1985



Músico mineiro faz espetáculo hoje no Teatro

Depois de excursionar com muito sucesso por Estados do Sul e do Nordeste, o músico mineiro Marco Antônio Araújo vem a Natal para apresentação de seu trabalho, com dois espetáculos no Teatro Alberto Maranhão. O primeiro foi realizado ontem, às 21 horas, e o outro está previsto para hoje, quando se espera a presença de um bom público para prestigiar um trabalho de excelente qualidade.

Em seus shows, o artista mineiro é acompanhado por Eduardo Delgado, na flauta, Antônio Viola, no cello, Alexandre Araújo, na guitarra, José Marcos Teixeira Almeida, nos teclados, Ivan Correa, no contrabaixo e Lincoln Sheïb, na bateria.

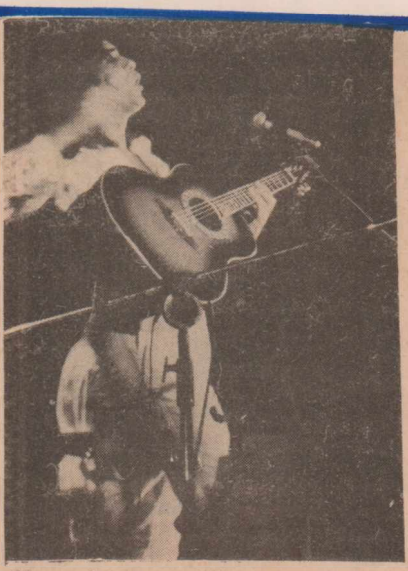
Marco Antônio, que executa ovation, cello e violão clássico, apresenta uma música bastante diferenciada, misturando elementos da linguagem **pop** com as tradições do cancioneiro colonial e folclórico de Minas Gerais. A essas características, acrescentam-se o esmero com que ele trata o acabamento formal de suas composições.

Os músicos do grupo lêem partituras e os arranjos, minuciosos, deixam apenas pequenos espaços para os improvisos. Assim, de repente o clima de música de câmara é interrompido suavemente por refinadas batidas rítmicas e [illegible] tes marcantes da força do rock.

Labim/UFRN

DIÁRIO DE NATAL

Terça-feira, 11/06/85



Um músico versátil

Show de Marçantônio no teatro

O músico mineiro Marco Antônio Araújo se apresenta às 21 horas de hoje e amanhã no Teatro Alberto Maranhão, em show que tem levado a todo o país. Depois de Natal, Marco Antônio fará apresentações em Vitória, no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Belo-Horizonte. Mineiro de Belo-Horizonte, 35 anos, Marco Antônio mostra neste show um resumo dos seus quatro discos, o último sendo lançado simultaneamente ao espetáculo.

O artista também é violoncelista da Sinfônica de Minas Gerais e possui sua própria gravadora, a **Strawberry Fields,** além de compor para teatro, cinema e balé. Acompanhado de Eduardo Delgado, na flauta; Antônio Viola, no cello; Alexandre Araújo, na guitarra elétrica; José Marcos Teixeira, nos teclados; Ivan Correa, no contrabaixo e Lincoln Sheib, na bateria, Marco Antônio executa no ovation cello e violão clássico uma música que mistura elementos da linguagem **pop** com as tradições da música erudita e folclórica mineira.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, SÁBADO, 08 DE JUNHO DE 1985

Show

Sendo anunciado para o próximo dia 12, se não me engano uma quarta-feira, a chegada do músico mineiro Marco Antônio Araújo. Vem com o seu grupo e no **Teatro Alberto Maranhão**, às 20,30 horas, mostra a sua arte. Boa, é o que dizem. É o que prova, também, os quatro elepês que Marco Antônio já colocou no mercado.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, TERÇA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 1985

Músico mineiro tem show no Alberto Maranhão

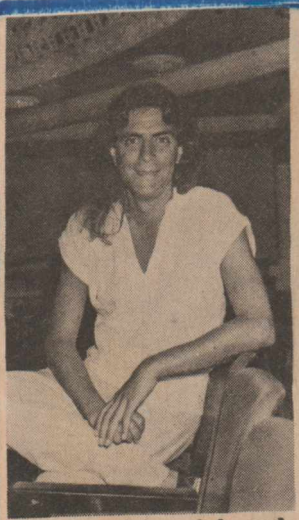
Após a temporada no sul do País, o músico mineiro Marco Antonio Araújo faz apresentações hoje e amanhã às 20h, no Teatro Alberto Maranhão. Acompanhado por Eduardo Delgado na flauta, Antônio Viola no cello, Alexandre Araújo na guitarra, José Marcos nos teclados, Ivan Correa no contrabaixo e Lincoln Sheib na bateria, Marco Antônio executa no violão ovation, cello e violão clássico uma música diferenciada, que mistura elementos da linguagem pop com as tradições da música colonial e folclórica mineira.

Tendo estudado música de concerto no Rio e morado em Londres, Marcos Antônio tem dupla carreira: é violoncelista da Sinfônica de Minas e dirige a sua própria gravadora, a Straberry Fields, além de compor para teatro, cinema e balé. É esperado o acabamento formal de suas composições. Os músicos do grupo lêem partituras que contêm arranjos minuciosos.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, QUARTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1985



Marco: música elaborada

Compositor toca hoje no Alberto Maranhão

O compositor e instrumentista Marco Antônio Araújo faz hoje apresentação no Teatro Alberto Maranhão, às 20h, executando no violão ovation um som descrito como diferenciado, que engloba elementos da linguagem pop, com as tradições musicais da música colonial e folclórica de Minas, Estado onde nasceu. Em entrevista coletiva ontem referiu-se ao seu trabalho e descreveu o conteúdo formal de suas composições, que vêm sendo apresentadas em turnê por todo o país. Marco Antônio é acompanhado por Eduardo Delgado, na flauta, Alexandre Araújo, guitarrista, Ivan Correa, contrabaixo, Antônio Viola, no cello, Lincoln Sheib, baterista.

Labim/UFRN

RIBUNA DO NORTE

NATAL, QUARTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1985

Marco Antônio no TAM

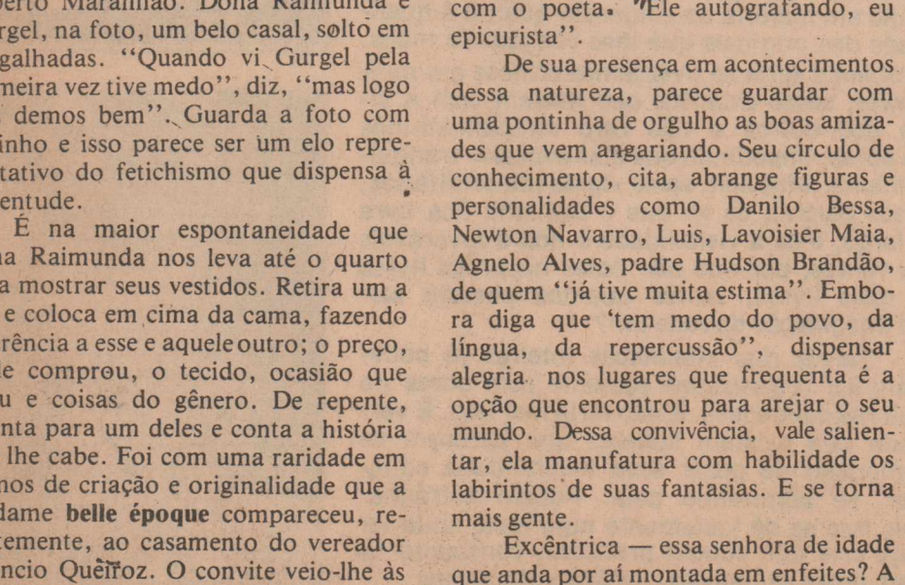
• Marco Antônio Araújo, compositor, músico, arranjador, produtor musical, faz hoje sua apresentação de encerramento no Teatro Alberto Maranhão, esperando-se um grande público, para um espetáculo de alto nível técnico e densa beleza melódica. Marco utiliza a parafernália eletrônica em conjunto com música de raiz, orientando sua produção num estilo bem elaborado, com um incisivo tratamento criativo. Sua excursão por todo o país vem obtendo os maiores aplausos de público e crítica.

Labim/UFRN









Abre o pano. Luzes: no palco da vida a fantasia de D. Raimunda

Escritores, jornalistas e cronistas sociais já escreveram sobre ela. Ainda assim, sua pessoa (exótica) permanece aureolada de mistério. Dona Maria Raimunda de Sousa Carvalho, 68 anos, professora aposentada, é uma vivente com característica singular, seja pelo modo de pensar as coisas e ver o mundo, seja pela maneira de se comportar e se apresentar aos outros. Sua vida está tatuada de fatos marcantes — teve uma infância pobre, a morte lhe levou dois filhos, foi abandonada pelo marido, tirou repouso numa clínica psiquiátrica e agora passa as noites a ver fantasmas. Mas a vida não acabou, ela sabe disso. E quando dona Raimunda dirige seu andar lento, em razão do peso, para eventos culturais, religiosos, sociais, cívicos ou populares, é possível descobrir nela uma pessoa criativamente jovem, genuína personagem da **belle époque**, capturando tenções com os modelos e ornamentos que lhe enfeitam a alma e o corpo. Sedas. Peles. Plumas. Chapéus. Jóias. Lantejoulas.

Mora só, na casa 674 da rua Felinto Manso, Cidade Alta. Semana passada, surpresa, recebeu a reportagem de **TRIBUNA DO NORTE**. Concordou em ser entrevistada — "levanta o meu astral" —, mas refutou o trabalho do fotógrafo — não tinha se preparado, não estava bem vestida. Tudo bem, as fotografias ficaram para o dia seguinte. E aos poucos foi revelando o sentido de sua vida e de seu prosaico ser. "Tive uma vida dura na mocidade. Muito trabalho. Fazia cuscuz para vender, coisas assim. Só na velhice é que comecei a gostar de festa". O motivo é compreensível: mesmo antes do marido deixá-la, há cinco ou seis anos, o vazio era muito grande, "ele nunca parava em casa de noite". Daí, a identificação com os movimentos sociais — teatro, Igreja, recital de música e shows populares — foi imediata. "Gosto de me envolver, mas não entendo de arte", revela. "Gosto de tudo que é belo, bom e elevado".

BEM ACOLHIDA

Essa senhora que "cria seus próprios conceitos de equilíbrio, senso e razão", escreve poemas e é espírita. "Vou de toda religião, mas não pode ter verdade maior que o espiritismo. Você não sabe quando está no seu ego ou quando está influenciada". Vidente, "vejo com os olhos espirituais", confessa que ultimamente tem sido importunada por "entidades querendo sexo".

— Posso anotar isso?

— Eu não sei... depois não vá me sujar — emenda com gabolice.

Na verdade, essa criatura "de espírito aventureiro" reclama de afeto: "olhe lá, não é todo afeto, sou exigente". Quando se trata de um colóquio com dona Raimunda, os assuntos variam de grau repentinamente. Ela fala sem parar e sobre tudo. Ressalta, agora, da atração e sintonia que mantém com a juventude. "Onde chego sou bem acolhida pela **rapaziada**. Gente que nem me conhece". E conta das facilidades que encontra para ir ao teatro ou ao Palácio dos Esportes ver um show: "Tenho muita sorte. Acho que é uma força estranha que faz com que eu entre de graça e ainda pegue carona de volta. Para que melhor?". A última vez, entretanto, não foi assim. Dona Raimunda foi "barrada" no show de Elba Ramalho. Não a deixaram entrar, voltou para casa. Mas o dissabor é logo recompensado por lembranças mais amenas. Há pouco tempo, conta, foi assistir o balé de Roosevelt Pimenta no Teatro Jesiel Figueiredo, gostou e foi muito bem recebida pelo anfitrião da casa. "No meio de homem me dou muito bem, mas com mulher não", disse, e explica melhor sua suspeita.

"Não tenho acolhimento pelas mulheres", sentencia. Sustenta, por exemplo, a tese de que "elas ficam reparando eu chegar de carro" e, segundo crê, botam cara feia. Intrigas, sabem como é, né? Outra vez, lembra, no tempo que viajava muito, foi a única que conseguiu entrar sem pagar no Maracanã; as colegas da excursão ficaram todas "aborrecidas". Todavia, diz, bom mesmo é a juventude. Ela tem até opinião formada sobre a geração jovem: "Promete muita coisa — alvoradas e festas. É muito bem entrosada e isso evita o que é ruim". Após ler um poema que escreveu em homenagem ao presidente Tancredo Neves, levanta-se, vasculha um álbum de fotografias e retorna com uma em que posa ao lado do poeta Carlos Gurgel. O flagrante, registrado por Flávio Américo, tem como cenário um banco do pátio externo do Teatro Alberto Maranhão. Dona Raimunda e Gurgel, na foto, um belo casal, solto em gargalhadas. "Quando vi Gurgel pela primeira vez tive medo", diz, "mas logo nos demos bem". Guarda a foto com carinho e isso parece ser um elo representativo do fetichismo que dispensa à juventude.

É na maior espontaneidade que dona Raimunda nos leva até o quarto para mostrar seus vestidos. Retira um a um e coloca em cima da cama, fazendo referência a esse e aquele outro; o preço, onde comprou, o tecido, ocasião que usou e coisas do gênero. De repente, aponta para um deles e conta a história que lhe cabe. Foi com uma raridade em termos de criação e originalidade que a madame **belle époque** compareceu, recentemente, ao casamento do vereador Leôncio Queiroz. O convite veio-lhe às mãos, não perdeu tempo. Catedral e, depois, Iate Clube; festona das boas.

Mas com tanta indumentária — "uma pessoa bonita representa tudo, levanta o moral, eleva o espírito e cria uma atmosfera saudável" — tem faltado ocasião de usá-la. Até as oportunidades de colocar um chapéu, e ela tem vários dos mais esquisitos, estão escassas. "Está faltando convite", explica, sem esconder a decepção. Quanto ao hábito de se produzir esteticamente de modo exótico, atribui "à uma força invisível". No lançamento do livro de Dailor Varela — A louça suja da convivência, dona Raimunda, confirma que estava lá, dividiu as atenções da noite com o poeta. "Ele autografando, eu epicurista".

De sua presença em acontecimentos dessa natureza, parece guardar com uma pontinha de orgulho as boas amizades que vem angariando. Seu círculo de conhecimento, cita, abrange figuras e personalidades como Danilo Bessa, Newton Navarro, Luis, Lavoisier Maia, Agnelo Alves, padre Hudson Brandão, de quem "já tive muita estima". Embora diga que 'tem medo do povo, da língua, da repercussão", dispensar alegria nos lugares que frequenta é a opção que encontrou para arejar o seu mundo. Dessa convivência, vale salientar, ela manufatura com habilidade os labirintos de suas fantasias. E se torna mais gente.

Excêntrica — essa senhora de idade que anda por aí montada em enfeites? A esta pergunta, o poeta Augusto Severo Neto responde que "sim, por não se ter acomodado à situação de eterno eixo da moenda". Pois assim, dona Raimunda cria uma personalidade ao invés de estereotipar-se. No final da conversa, à porta de sua casa, olha para o lado e grita para vizinha: "Olhe aqui, outra reportagem comigo...".

Texto: Moura Neto

Fotos: Giovanni Sérgio

Labim/UFRN

Pra que?

Falando francamente, não acredito que isso esteja mesmo acontecendo. Todo mundo fala e nada acontece. Todos prometem que tudo vai mudar e tudo fica como estava. Ou piora. Afirmam a necessidade de extirpar-se o "entulho autoritário", da "legitimação" do regime por uma nova Constituição, da revisão ou revogação de leis como a de Segurança Nacional, de Greve, de ensino, etc,., etc., etc.

Será que o problema é esse somente? Será que a simples mudança da Constituição vai resolver ou mudar alguma coisa? A revogação da Lei de Segurança Nacional vai modificar o pensamento dos dirigentes militares, ainda hoje ouvidos sobre assuntos em que não viam meter o bedelho? Mexer na Lei de Greve vai acabar com os movimentos paredistas ou fazer com que as empresas atendam às reivindicações sem necessidade de pressão? Será que a mudança de alguns artigos de lei ou a substituição da Constituição irá, de uma penada só, acabar com a miséria em que vegeta o nosso povo? E o "mutirão contra a violência" do Ministro Fernando Lira — que nem mutirão é — vai pelo menos diminuí-la?

Vamos nos entender: não é que não ache que nossa legislação não tem falhas e que não contém dispositivos anacrônicos, autoritários, que precisam ser extirpados ou repensados. O caso recente da execução do Hino Nacional por Fafá de Belém é uma boa demonstração disso. Ou a situação do Sistema Financeiro de Habitação, alterada umas quatro ou cinco vezes nos três últimos anos. Neste caso, as mudanças não impediram que o problema hoje se tornasse ainda mais premente do que antes. E no outro, um simples parecer da Consultoria Jurídica do Ministério da Justiça aparentemente resolveu. E olhe que a legislação expedida por Costa e Silva sobre o uso dos símbolos nacionais praticamente impede que se possa usá-los fora dos limites por ela estabelecidos. Até a posição que os civis devem adotar quando ouvem o Hino Nacional está regulada. Mas ainda voltarei sobre esse assunto.

Penso que há uma grande confusão, deliberada ou não. No entanto, uma vozinha incômoda fica todo o tempo, lá de longe, a me dizer que não é isso não. A coisa é outra: Tem gente querendo fazer a gente de besta.

Para o Direito, é legítimo o que tem uma origem conforme a Lei. Já para a Ciência Política, legítimo é o que decorre do assentimento, do pacto adotado pela Nação. Isso é simplificação, claro. Mas, se o problema é de legitimidade, evidentes as contradições. Só para exemplificar, veja-se a Consolidação das Leis do Trabalho. Foi ela outorgada por Getúlio Vargas — e dizem que ele dormiu o tempo todo quando, depois do jantar, o Ministro foi apresentar-lhe o anteprojeto. Acordou e foi dizendo: Onde devo assinar? — Mas, apesar desse defeito de origem, subsiste ela até hoje, sem nenhum reparo quanto à sua legitimidade, antes apontada como exemplo de Diploma Legislativo avançado para a época. Ou veja-se o que ocorreu com a locação: enquanto a legislação do inquilinato é modificada, remendada, confusada, a Lei de Luvas, um decreto — nem decreto-lei é, coitado — da ditadura de Vargas, subsiste até hoje, aplicado pelos Tribunais sem contestação. Então o problema não é esse, pois tanto a CLT como a Lei de Luvas se são legítimas do ponto de vista estritamente constitucional, não o são do ponto de vista político: A Constituição em que se fundamentou Getúlio Vargas para editá-las — a tristemente célebre "Polaquinha", feita por Francisco Campos — era uma Carta outorgada e, portanto, ilegítima.

No prefácio da 4ª edição de seu livro, "La réglemorale dans les Obligationes Civiles", Georges Ripert traçou um impressionante paralelo entre os dois períodos que seguiram às duas últimas Grandes Guerras. Após 1919, a França havia sido presa de uma espécie de renascimento do idealismo jurídico: interpretava-se o resultado da Guerra como o triunfo da justiça sobre a força e imaginava-se que a Sociedade das Nações cumpriria efetivamente a missão para que fora criada, prevenir conflitos. Após 1945, todo aquele idealismo estava enterrado pela realidade de uma nova Guerra, que matou as esperanças: **"Tantos crimes haviam sido cometidos, que os homens tinham mais fome de vingança que de Justiça"**. Tantos bens haviam sido perdidos que os juristas pareciam haver perdido o respeito pelos direitos individuais.

A situação parece ser a mesma entre nós, hoje. Enquanto no campo econômico acusa-se a inflação como o monstro de mil faces, responsável por todos os males que nos afligem, como se ela fosse causa e não efeito, na área política e jurídica a ênfase é dada no fato de que temos uma Constituição espúria, porque outorgada e uma legislação autoritária, porque fruto de um regime ditatorial. Mas, não me parece que mudar a Constituição, eleger uma Assembléia Constituinte, reformar ou revogar leis — e vai ser tarefa das mais difíceis, até mesmo para o computador, dizer o que deve ser revogado, no cipoal que o **soi disant** Revolução nos legou — baste para resolver alguma coisa, da mesma forma que baixar a inflação não vai tornar menos selvagem e desumano o nosso sistema econômico. No país em que Delegado de Polícia faz greve — e olhe que a Constituição proíbe greve no serviço público — dizendo cumprir a lei, isto é, deixando de fazer prisão ilegal, afora o dilema hamletiano de descumprir a Constituição afirmando cumprir a lei, algo mais existe de errado que o próprio sistema legislativo. A coisa está parecida com a medida tomada pelo Coronel Jarbas Passarinho, quando Ministro da Educação: para acabar com os excedentes nos vestibulares, acabou com a reprovação. Todo mundo passa, mas só entra quem tiver média até preencher as vagas. A Universidade não ficou democrática em seu acesso, mas o Ministro resolveu o seu problema.

Na segunda parte deste artigo, veremos as causas, o diagnóstico desse dilema brasileiro.

JOSÉ ARNO GALVÃO
• Advogado

Centenário Varela Sa

Em 28 de abril de 1885, nascia no engenho Boa Vista, município de Touros, aquele que seria um modelo norte-riograndense do médico vocacionado para servir.

Manoel Varela Santiago Sobrinho estaria vivendo o centenário do seu nascimento não tivesse deixado o nosso convívio há oito anos passados.

As novas gerações de médicos precisam saber quem foi a figura exemplar de Varela Santiago. Devemos reverenciar a memória de quem nasceu para servir e viveu servindo.

Aluno do velho Atheneu Norte-Riograndense, da tradicional Faculdade de Medicina da Bahia de onde foi transferido para concluir o curso de medicina no Rio de Janeiro onde defendeu tese de doutorado em 1910. Por onde passou, deixou a marca do seu brilhantismo e de sua bondade.

Sempre ávido de conhecimentos da carreira que abraçara, foi para a Europa realizar estudos de pós-graduação.

Varela Santiago foi o pioneiro da pediatria no Rio Grande do Norte. Aí está o Hospital Infantil que tem o seu nome, edificado em terreno doado pelo abnegado médico que também custeara as obras. Uma realização que tem quase meio século de serviços inestimáveis prestados às crianças do nosso Estado.

Ainda lembramos que foi por iniciativa de Varela Santiago a fundação da Colônia de Hansenianos "S. Francisco de Assis", o Educandário Osvaldo Cruz e o pavilhão de puericultura da Escola Doméstica de Natal.

Na
camos s
tamento
do para a
população
Varel
do ainda en
ses a recebe
Mérito Méd
pública em 1

Em pou
difícil traçar
foi Varela San
sonalidade de
so. Humano, p
que o procurav
de uma dor ou

No ano do
não cobraríamos
gens que aquel
Lembraríamos qu
Santiago" deveria
faltado dos respe
do Estado. Olhar
maior homenagem
à memória daquele
das crianças de nossa

Aqui fica e noss
seja capaz de sensibi
R. G. do Norte.

História que nã estão na históri

A constituição do Rio Grande do Norte promulgada depois da revolução de 30 foi aprovada no dia 22 de fevereiro de 1936, coincidindo com animado sábado de carnaval. Em frente da Assembléia Legislativa, onde foi votada, à Avenida Junqueira Aires, desciam e subiam os blocos carnavalescos.

O projeto foi elaborado pelo desembargador Felipe Neri de Brito Guerra, tendo sido, na última hora, adotado um substitutivo, da autoria do desembargador Manoel Benício Filho, no qual os deputados do Partido Popular incluiram alguns emendas de estrito caráter político-partidário, sobretudo nas disposições transitórias. A nova Constituição só foi subscrita pelos deputados governistas. Os da oposição não a subscreveram, porque não concordaram com a introdução, em seu texto, das referidas emendas.

A sessão foi agitadissima, como declarou a imprensa da época, com debates acalorados entre os deputados Pedro Matos e João Marcelino, da situação, e Abelardo Calafange, Djalma Aranha Marinho, Gil Soares e Raimundo Macedo, da minoria, que integravam constituída de partidários de Câmara.

O presidente da Assem João da Mata, pondo a nova con ção, pediu que permanecessem estivessem de acordo, aprovand e cafeitas recusaram-se a votar, testo, para surpresa dos "populis do situacionista, Júlio Régis, que distante da sua cadeira, apoiou-cócoras. E gritou para o monsenho nhor Presidente, eu também e

No dia seguinte, o jornal de primeira página publicou manchete, de autoria do deputado Djalma Marinho: entre zabumbas carnavalescas e deputados de cócoras foi votada a nova Constituição do Rio Grande do Norte.

JOSÉ DE ANCHIETA FERREIRA
• Médico

Um poeta escreve contos

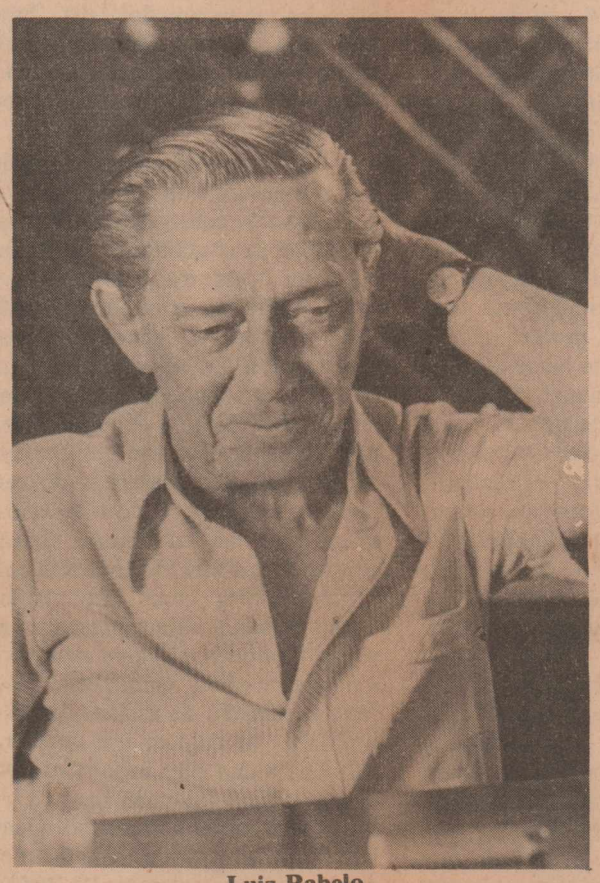
Se muitos livros são lançados em Natal não quer necessariamente dizer que Natal seja uma fábrica de livros. Há os que chegam de fora. Mas é bem de ver que não nos faltam autores, e eles são de todas as estaturas e todas as idades. Quando podem, não hesitam em criar os seus contos e romances, ou principalmente suas poesias e o seu folclore. Quem tem o que contar, conta, não deixa para amanhã a oportunidade de sacar da pena e do papel, para ver no que dá.

E de saída se diga que não são no geral ilegíveis as obras que os nossos autores faturam. Depois, se eles as publicam é porque em suma temos editoras dirigidas por intelectuais que, justiça lhes façamos, não são o cúmulo em matéria de exigência quanto à qualidade dos originais que lhes chegam às mãos. Problema seria se tivéssemos críticos em militância, esses cidadãos que mexem com a vida dos outros e não raro atrapalham-lhes as obras, impedindo que elas evoluam tranquilamente. Mas sem estes vigias (de cemitérios, disse Sartre), se vê que o caminho fica livre e largo, e se a visibilidade é boa e favoráveis os ventos, por que não botar na praça livros e mais livros, tantos quantos possam sair da imaginação de cada um?

Talvez que bibliotecas inteiras já poderiam ser organizadas somente com obras de autores natalenses. E não faria mal isso. É verdade que existem aqueles que parecem se comprazer de gozar essa fecundidade editorial, se admirando dela. Podem estranhar que isso se dê justamente num meio onde ler seja arte que poucos praticam, consoante fazem prova as (poucas) livrarias que temos.

Não importa. Conta Gide que não sei quem costumava dizer-lhe que não lia para não perder a originalidade. Mas não nos preocupemos, porque muito provável é que o desabusado Gide não conhecesse nenhum escritor de Natal. Ninguém estará obrigado a enfiar na cabeça essa carapuça.

Brincadeira. E originalidade acaba sendo coisa que não existe, em especial no mundo da arte. Depois, nem sempre é disso que cuidamos quando escrevemos, e na literatura, particularmente, muito mais


Luiz Rabelo

contam os temas e as voltas.

Você não vai pretender, por exemplo, que o nosso Luís Rabelo, que está fazendo sua estréia no conto, tivesse de alguma forma que provar sua originalidade na construção das suas estórias. Que ele leva jeito nisso parece incontestável, e não é outro senão o prefaciador do volume, Franklin Jorge, quem dá o primeiro dos testemunhos. Franklin acentua, a par do senso de humor de Rabelo, o seu jeito de contar estórias "pura e simplesmente", e reconhece que, não obstante a aparência algo arcaica da sua linguagem, é possível descobrir, nos personagens por ele criados, "a mais autêntica e a mais apaixonante presença humana".

Ninguém ignora que Luís Rabelo tem sido, a vida inteira, poeta. Se até hoje não é o "príncipe dos trovadores de Natal" não há de ser por falta de qualidades. Merecia-o. Sei também que da melhor lavra são os seus poemas, expressivos no seu lirismo, bem pensados e, melhor ainda, corretamente ajustados na sua estrutura formal. Aí de repente o velho poeta Rabelo resolve incursionar pelas veredas da prosa e estaciona no conto, com uma coragem que deve ser louvada.

O título do volume, "O Vigário do Conto", é de ver que não tem relação aparente com os relatos nele contidos. Chiste de poeta? Ocorre que também só um poeta no exercício ainda pleno do seu ofício ousaria tecer uma narrativa numa linguagem onde se fala de "boca se entreabrindo deliciosamente para mastigar invisíveis rosas vermelhas". Não tem nada. Se falha parecer a alguém a imaginação do ficcionista, com certeza de pé, firme, prevalecerá a inspiração do poeta.

Um típico relato poético é a estória de "Valdevina". E lá está: "De repente, como num banco de coral, clarins amanheceram madrugadas lúcidas e o sol se fez luz, tornando-me azul, dando-me a explicação daquele mistério". Neste, como em muitos outros capítulos do volume, a parte propriamente ficcional por certo que conta muita pouco. Na narrativa "O Humor de Chico Belarmino" sente-se que o autor está muito à vontade, como se expusesse um fato da vida real. Do personagem, diz que o conheceu "numa mesa de bar da cidade". Brincalhão, irreverente, "era um boêmio de mão cheia, ou melhor, de boca cheia, como ele dizia".

No capítulo final do livro é onde se sente mais palpável a estrutura dum conto, ainda assim um conto narrado por um poeta. Desta forma são as suas linhas iniciais: "O azul era a cor preferida nos olhos de Gazânia. Por isso, sempre que eu a fitava deitada na areia da praia, sentia uma onda azul avolumar-se dentro do meu silêncio".

Vai por aí. É uma narrativa bem agradável na sua textura, e servirá para conferir ao poeta Luís Rabelo, no mínimo, a láurea (também) de bom prosador. A melhor parte do livro? Talvez, mas outros poderão preferir "Lilian", ou a estória de "Cícero Peba", que tem este introito: "Era atarracado de corpo e tinha o pescoço enfiado entre os ombros".

Na verdade compõe-se de dez capítulos o livro, distintos bastante uns dos outros, porém sempre iguais na linguagem em que são urdidos. Linguagem cuidadosa na sua limpeza vernacular tanto quanto limpa, quase diáfana, foi sempre a poesia que desde os seus tempos de Mossoró tem sabido o velho Rabelo espalhar por estes mares e sertões.

JAIME HIPÓLITO DANTAS
• Escritor

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, DOMINGO, 09 DE JUNHO DE 1985



Raimunda: a excentricidade que todo mundo conhece

Natal é uma excentricidade de Raimunda, a grande dama

Dona Maria Raimunda de Souza Carvalho, quem é que não conhece? Aos 68 anos de idade, aposentada na qualidade de professora, é uma das figuras mais populares da cidade. "Personagem da **belle époque**", diz, em longa reportagem que vai publicada nesta edição, o companheiro Moura Neto. Sempre vestida com muito cuidado, fazendo questão de mostrar as sedas, as peles, as plumas, as jóias e as lantejoulas que guarda com carinho, dona Maria Raimunda concordou em ser entrevistada. Fala sem parar — e sobre tudo. "Onde chego", conta, "sou bem recebida pela rapaziada. Gente que nem me conhece". Ao teatro, ao cinema, aos shows, a qualquer grande acontecimento, vai sem problemas. "Tenho muita sorte", diz. "Acho que é uma força estranha que faz com que eu entre de graça e ainda pegue carona de volta. Para que melhor?" Excêntrica? Dona Maria Raimunda diz que não, de jeito nenhum. Quem a conhece, no entanto, e todo mundo na cidade do Natal conhece dona Maria Raimunda, é de outra opinião.

(Leia no Caderno de Domingo).

Labim/UFRN

DIÁRIO DE NATAL

- Terça-feira, 11/06/85

Batalha Naval de Riachuelo

O III Distrito Naval promove, hoje, festividades alusivas ao 11 de junho, que assinala mais um aniversário da Batalha Naval de Riachuelo. Cerimônia marcada para 10 horas, na Base Almirante Ary Parreiras. As 20 horas e 30 minutos, no Cobana, coquetel-buffet, ocasião em que serão entregues medalhas de "Amigo da Marinha", a nove personalidades.

Os agraciados deste ano são: suplente de Deputado pelo PMDB, Eustáquio Lucena; médico e artista plástico Iaperi Araújo; senhora Rogéria Varandas, proprietária do Dinhos; Coronel-aviador Fernando Hipólito da Costa; Superintendente da Polícia Federal Valdomiro Lawryhunk; dois diretores do Iate: Laurence Nóbrega e Antônio Gazzaneu; Superintendente do ITEP médico Luiz Rodolfo Pena Lima e advogado [illegible] Maranhão.

Labim/UFRN

O TEATRO DO

ESQUINA COLORIDA



A TERRA É AZUL

Labim/UFRN

ESQUINA COLORIDA

Reunião de pessoas num determinado espaço lutando e formando laços de idéias.



REVOLUCIONÁRIO OU CONVENCIONAL

Quando necessitamos expressar qualquer sentimento, é preciso brincar por todos os motivos com essas palavras.

No teatro temos inúmeras possibilidades de ver o mundo. O importante é o que nos envolve no momento. É uma questão de sentirmos esse mundo, visualizando-nos dentro dessas gerações.

Assim, fazemos o TEATRO DO ESQUINA COLORIDA. Dispondo-nos e despindo-nos das cores padrões que nos obrigam a assumir.

* Improviso é pedaço de chita no lugar de sempre livre *

Direção:

Villa Ilson

ESTE ESPETÁCULO CONTOU COM O APOIO DE:

Rio Center

bandern
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE S.A

— Casa Montini
— Disnac
(Cartões e convites o ano inteiro)
Termas Iguaçu

— Termas Iguaçu
— Cebarros & Cia.

- Gráfica Sta. Maria
Impressos em Geral (222-7059)

NOSSOS AGRADECIMENTOS

Tota - Sra. Avani Policarpo / Louro / Fernanda / Diana Fontes / Isa / Miraci / Everaldo e Clarice / Walter Medeiros / Sra. Wilma Maia / Sr. Glaucios Wanderley / D. Tânia (Rio Center) / Sr. João Wilson (São Braz) / Sr. João Alfredo (Clima) / Sr. Chico Alves (Congraf) / Sr. Gilson (Universitária) / Francisco Resende (APERN) / Jane Madruga (Procuradoria) / Giza / Ida / Azenir / Iaperí / Fátima / Carlos Furtado / Eugênio / J. Aires / Paulo Resende / Neuma e a você Mary.

* Agradecemos também ao Sr. Ivanaldo (Gráfica Santa Maria), pelo apoio indispensável a este espetáculo.

Labim/UFRN

STUDIO ISABELLE

Ginástica
Musculação
Jazz
Ballet Clássico

Ballet Moderno
Av. Nascimento
de Castro, nº 1900
Fone: 221-1083

A TERRA É AZUL

GRÁFICA SANTA MARIA
Impressos em geral - Fone: 222-7059.

É PRECISO DEDICARMOS TUDO ISTO AO
TEATRO DO ESQUINA COLORIDA

Labim/UFRN

A REPÚBLICA/

QUARTA-FEIRA, 12/06/198

Teatro

Neste final de semana a peça **A Terra É Azul**, do grupo **Esquina Colorida**. Dias 14, 15 e 16, no **Teatro Alberto Maranhão**. Sempre às nove da noite, com Villa Ilson, Josean Rodrigues, Genilson, Nelson Quinderé e Marcos Barroes.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, SÁBADO, 08 DE JUNHO DE 1985

Esquina Colorida vai estrear dia 14 no TAM

O Teatro do Esquina Colorida apresenta dias 14, 15 e 16 próximos, no Alberto Maranhão, a peça "A terra é azul", após estar um ano vetado pela Censura Federal. O grupo, dirigido por Villa Ilson, durante o período, analisou suas propostas e volta agora com uma nova produção, descrita pelos integrantes do Teatro... como "bem mais abrangente e conclusa.".

No espetáculo, os atores revezam-se nos papéis, com textos que variam do tragicômico às demais possibilidades da ação dramática. Fazem o Esquina Colorida Villa Ilson, Josean Rodrigues, Genilson, Nelson Quinderé e Marcos Bulhões. A iluminação é de Gorette Barbosa.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

14-06/85

Teatro

Ao **Teatro Alberto Maranhão**, logo mais à noite, 21 horas. Com repeteco garantido no sábado e também no domingo, **A Terra é Azul**. Peça que chega ao palco graças ao grupo **Esquina Colorida**, leia-se Villa Ilson, Josean Rodrigues, Genilson, Nelson Quinderé, Marcos Bulhões e Gorethe Barbosa.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 1985



A equipe que fez exames no sábado

Lutadores de taekwon-do passam no exame de faixas

Os lutadores Marcos Antônio de Souza, Sídnei de Lima Pinto, Felipe Rocha de Lima, Gildson Medeiros Câmara e Luís Alberto Bezerra conseguiram passar no exame de faixa amarela de taekwon-do, realizado sábado pela manhã no Teatro Alberto Maranhão.

Marcos Antônio Igarashi, que dirige a academia de tackwon-do instalada no Teatro Alberto Maranhão, considerou muito bom o nível técnico dos lutadores participantes do exame e que o número de cinco aprovados, por conta do rigor existente, o surpreendeu.

Para os que não conseguiram passar no exame de faixa amarela, daqui a duas semanas haverá uma nova oportunidade. De acordo com as regras o lutador terá que frequentar 25 aulas (90 minutos cada) para poder se submeter a um exame de qualquer faixa. Marcos, Sídney, Felipe, Gildson e Luís Alberto, que passaram no exame, tentarão agora a faixa verde.

Durante o exame, Igarashi procurou observar nos lutadores os detalhes e a performance técnica nos movimentos de hian (luta imaginária), samboderion e técnicas do uso dos pés e das mãos. O hian tem duas modalidades: no primeiro, o lutador, fingindo estar lutando contra adversários imaginários, tem que terminar o movimento em 15 segundos e concluí-lo no mesmo local em que iniciou; no segundo, acontece a mesma coisa, sendo que o participante tem um tempo maior: 25 segundos.

Labim/UFRN

A REPÚBLICA/3

DOMINGO, 16/06/1985

Hoje, mudança de faixas no taekwon-do

O paranaense Marco Antônio Igarashi realizará hoje pela manhã, a partir das 8h30min., no Teatro Alberto Maranhão, um exame de faixa amarela de Taekwon-do, constando dos movimentos de hian (luta imaginária), samboderion, lutas, e técnicas do uso dos pés e das mãos.

Igarashi, que está em Natal há um ano e meio, como aluno do curso de Aquacultura da UFRN, possui academias no Teatro Alberto Maranhão e na Assen. Para o exame desta manhã, com a participação de 40 lutadores, ele afirmou que vai ser bastante rigoroso e observará todos os movimentos dos seus alunos.

Participarão do exame de faixa amarela os seguintes lutadores: Luis Bezerra, Raniere Dantas, Seledon Dias, Gunther Costa, Nerthz Costa, Jorge Vasconcelos, Luzidélcio Ribeiro, Ubirajara Rodrigues, Sidney Pinto, Marcos Costa, Felipe Lima, Andrei Vasconcelos, Klaus Pinheiro, Wender Marques, Demerson Colasso, Josué Ferreira, Adaílto Silva, Gildeson Câmara, Lúcio e Édson, entre outros.

No Paraná, onde nasceu, Igarashi era filiado à Federação Paranaense de Pugilismo e lutava pela Academia Tigre de Taekwon-do, conquistando três vice-campeonatos e dois terceiros lugares. Ele considera muito bom o nível desse esporte em Natal, mas lamenta a falta de apoio dos órgãos empresariais, além da falta de maior divulgação. Mas vai continuar na batalha e espera o surgimento de novas academias na cidade.



Labim/UFRN

Marco é faixa preta

A REPÚBLICA/11

DOMINGO, 02/06/1985



"Hair Fashion Show"

No dia 19 de junho às 16:00 horas, no Teatro "ALBERTO MARANHÃO", a cabeleireira ANINHA, dentro da programação comemorativa dos seus 15 anos de profissão, apresentará as mais novas tendências para a criação do novo "look" feminino em cabelos, no "HAIR FASHION SHOW". Depois do desfile, às 18:00 horas, o Coquetel de Confraternização. Parte da renda do desfile será em benefício do "LAR DA VOVÓ". Sucesso.

Labim/UFRN

0/A REPÚBLICA

QUARTA-FEIRA, 19/06/1985

Anna Maria



ANINHA CABELEIREIRA: 15 anos à serviço da Beleza com qualidade. Vejam ao lado os lançamentos DEAUVILLE que ele mostrará hoje. Haute "Coiffure" francesa.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 1985

Gente's

do RN que deverá se instalar na Festa dos Estados nos dias 27, 28, 29 e 30.

• Sucesso total a promoção "Hair Fashion Show" ontem mostrada no Teatro Alberto Maranhão, com Ana Maria Santos Melo (Aninha Cabeleireira) mostrando as tendências da moda para cabelos, cortes, maquilagem, etc. Foi para Aninha uma tarde marcante nesses seus 15 anos de profissão, que somente sucesso lhe deu. No telão foram exibidos filmes importados do eixo onde se dita a moda: Londres/Roma e Paris. Peron Áudio Vídeo System esteve presente fazendo um excelente documentário. Contarei depois com as fotos que me forem dadas pelo João Neto que lá esteve cobrindo o evento.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1985

Aninha

Hoje a (grande) festa de Aninha Cabeleireira, que está comemorando 15 anos de profissionalismo. Daí o **Hair Fashion Show** que ela programou para esta tarde/noite de quarta-feira, a partir das 16 horas. No **Teatro Alberto Maranhão**, com a renda em benefício do **Lar da Vovozinha**.

Labim/UFRN

RIBUNA DO NORTE

NATAL, TERÇA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 1985

Aninha e seu informativo

• Essa querida e competente Aninha Cabeleireira está com o seu terceiro informativo em circulação — Qualidade em Beleza. Regosijada está com os seus 15 anos de profissão, contando toda a sua história, aos poucos, como também a sua contribuição para o embelezamento da mulher natalense.

• A data vai ser comemorada com grande brilhantismo no dia 19 deste, no Teatro Alberto Maranhão. Trata-se do Hair Fashion Show que se transformará num lindo evento, onde serão apresentadas tendências e o que existe de mais atual em termos de beleza.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

JOTA EPIFÂNIO

Hair Fashion Show

• Esta tarde festiva — 16 horas — em que Aninha Cabeleireira vai apresentar verdadeiro show de beleza, cabeça, maquilagem. O Teatro Alberto Maranhão deverá receber uma bela assistência, na sua maior parte, clientes de Aninha. Antes, serão exibidos filmes no telão, de cunho internacional de beleza, as últimas dicas de penteados e cortes de cabelos.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 1985

Poder

Ao **Teatro Alberto Maranhão**, hoje e amanhã, 21 horas, para ver a peça de Racine Santos. Chama-se **A Farsa do Poder** e depois, fim-de-semana, será apresentada também no Açu.

Labim/UFRN

TEATRO

Nesta sexta tem no Alberto Maranhão a peça de Racine Santos "A Farsa do Poder." No Jesiel Figueiredo "Cabaret de todos nós" [illegible]

Labim/UFRN

EXPOSIÇÕES

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, TERÇA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 1985

Teatro

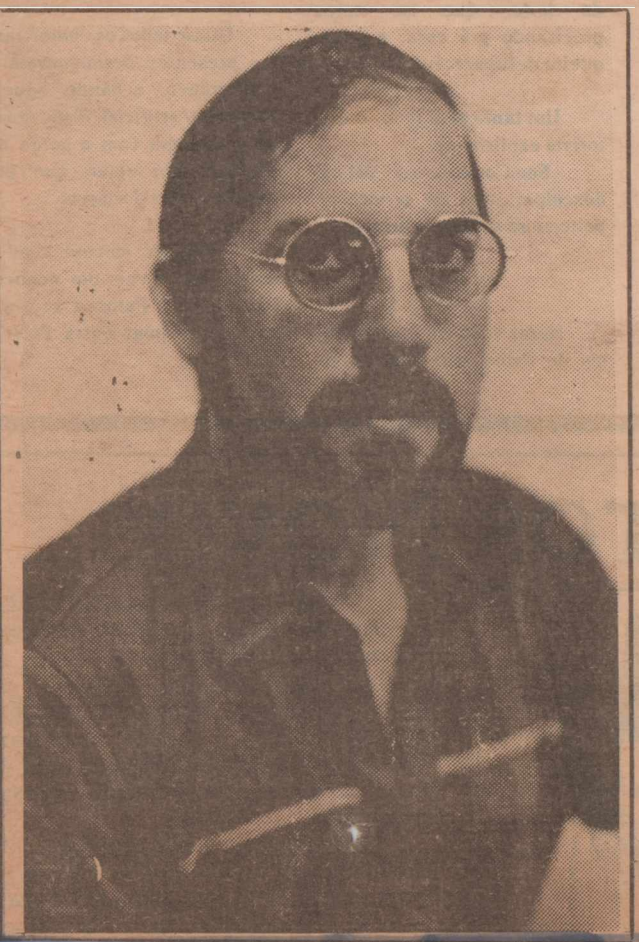
Sob a direção de Racine Santos, estréia quinta-feira, no **Teatro Alberto Maranhão,** a peça **A Farsa do Poder**. Em nova montagem, é o que informa o próprio Racine. Vinte e uma horas.

Labim/UFRN

Jornal da CULTURA

SUPLEMENTO DE A REPÚBLICA

DOMINGO, 04 DE AGOSTO DE 1985



"Farsa do Poder" dá prêmio a Racine em Campina Grande

O prêmio PAULO PONTES, para o melhor autor nacional dentro de Festival de inverno de Campina Grande, este ano foi outorgado ao teatrólogo norte-rio-grandense Racine Santos, que participou do Festival com a peça A Farsa do Poder, reprensentanda pelo grupo Tablado Nordestino. Racine, autor de várias peça já representadas em Natal, pela primeira vez recebe um prêmio forado Estado.

A PEÇA

A peça de Racine agora prêmiada no X Festival do Inverno de Campina Grande já é conhecida pelas platéia do Rio Grande do Norte. Foi apresentada em Natal por mais de 10 vezes e em várias cidades do interior. É, sem dúvidas, a peça de autor potiguar mais representada em nossos palcos. Falando sobre a premiação, disse o autor: "Na verdade, A Farsa do Poder já havia sido premiada com os aplausos dos norte-riograndenses. Com o prêmio PAULO PONTES, o que cresce é todo o teatro do Rio Grande do Norte, pois [illegible]a ser conhecido nacionalmente".

O AUTOR

Autor de peças como a Festa do Rei, Pedro Malazarte, Maria do O, A Festa do Menino Deus e agora A Farsa do Poder, Racine Santos vem atuando no teatro do Rio Grande do Norte desde os anos 60, quando começou com o já falecido Sandoval Wanderley. Hoje, no entanto, é que ele diz que está começando a apreender teatro, quando realiza um trabalho mais identificado com a cultura e a realidade social da região nordestina [illegible]e, em particular, com a do Estado.

Prova dessa afirmação é o sucesso da peça A FARSA DO PODER, que mesmo sendo baseada em um assunto local, se torna universal pelo enfoque e tratamento dado ao texto.

Racine Santos, que também é presidente da União Brasileira de Escritores, sessão do Rio Grande do Norte, pretende lançar um livro contendo o texto da peça prêmiada em outubro próximo, através da Editora CLIMA. Até agora sua única peça publicada é a A Festa do Rei, lançada em 1982 pela Fundação José Augusto.

Labim/UFRN

NATAL, SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 1985



Paulo Silvino mostra sua graça

Paulo Silvino: "Eu vim às mulheres". Amanhã e domingo no Alberto Maranhão

Sabe como é o nome daquele negão de olhos verdes, engraçado e meio tarado, que trabalha no programa Viva O Gordo? Pois bem, é Paulo Silvino, 46 anos, filho do cantor Silvino Neto, o além de comediante, escreve peças de teatro, cinema, já cantou ao lado de grandes nomes da Bossa Nova e da Jovem Guarda e está em Natal há alguns dias. Sábado e domingo você pode vê-lo no Teatro Alberto Maranhão, à noite, quando apresentará o "Paulo Silvino, eu vim às mulheres".

Paulo Silvino deu entrevista ontem à imprensa natalense, numa suite do Motel Tahiti, onde está hospedado. Ao contrário dos humoristas profissionais, ele está sempre bem humorado, fica contando anedotas durante e entrevista é um papo agradável e acia de tudo comunicativo.

DESCONHECIDO

Durante a conversa levantou-se a seguinte questão. Quem é Paulo Silvino e quem é aquele negão engraçado do programa do Gordo. Como ele convive sendo conhecido em todo país mas muito pouca gente sabendo seu nome. Ele explica que é apenas uma questão de espaço que é sempre ocupado pelos comediantes que tem nome e sempre tem um programa que comanda pessoalmente. Há alguns que chegam a forçar a barra e terminam com um programa.

Paulo Silvino não poupa elogios a Jô Soares a quem considera além de excelente profissional, uma pessoa agradavel, homem que fala dez idiomas fisicamente agil e principalmente engraçado.

CLUBE ROCK

Inicialmente Paulo Silvino era o filho de Silvino Neto mas logo foi conseguindo andar com as próprias pernas, levado pelo ator Carlos Imperial. Ele fazia o Clube do Rock ao lado de Roberto Carlos, Erasmo, Sérgio Murilo Wanderleia e outros; depois gravou um disco em 1960 pela Copacabana, "Brasil em Ritmo de Samba". É com orgulho que Paulo fala sobre seu pai Silvino Neto que além de cantor foi o vereador mais votado do Rio de Janeiro em 1950, na volta de Getulio Vargas. Há poucos dias sofreu um acidente mas está bem e fora de perigo.

Mas Paulo Silvino escreve filmes. Um deles muito conhecido no país é "Ascenção e queda de um paquera" onde trabalhou Jorge Doria e Brigite Blair.

Na televisão como comediante, ele estreou em 1967 com o programa "TV 1 canal 0" tendo estourado em audiência. Mas Paulo Silvino ficou conhecido em todo o país quando começou a trabalhar no programa Viva o Gordo sempre com papeis engraçados e os mais agradaveis do programa.

O SHOW

Ele explica que o show "Paulo Silvino, eu vim às mulheres", é um espetáculo onde ele conta anedotas, conversa com público, canta, brinca com a plateia; enfim" é como se estivéssemos descontraidamente numa roda de amigos sendo que esses amigos, (a plateia) são em número muito maior" diz.

O show é proibido para menores de 18 anos. Não é um espetáculo pornográfico "é um show sacana, no bom sentido", com anedotas picantes mas sem aquela pornografia pesada. É um show que vale a pena ver (Petit das Virgens).

Labim/UFRN

A REPÚBLICA/3

DOMINGO, 23/06/1985



"Eu vim às mulheres". Encerra hoje no TAM

O comerciante Paulo Silvino encerra hoje às 20 horas no Teatro Alberto Maranhão, o seu espetáculo humorístico "Eu vim às mulheres". Ele é aquele negão dentuço e engraçado que trabalha no Viva o Gordo. Veio à Natal para gravar um comercial e apresentar essa curta temporada.

Paulo Silvino explica que esse será seu primeiro show depois da morte de Tancredo. "É um shoe onde eu tiro o luto". Considera seu espetáculo não pornográfico mas não faltam as piadas picantes. Paulo Silvino fica à vontade conversando com a plateia. "É como se estivesse numa festa onde os amigos é a plateia, eu converso conto piadas, anedotas, canto canto, danço etc".

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

SEXTA-FEIRA, 21/06/1985

VIM ÀS MULHERES!

Quem está em Natal desde ante-ontem é PAULO SILVINO, comico da TV GLOBO, que consegue fazer todo mundo virar uma risada só. Quem curte as graças de Paulo Silvino (que consagrou a frase "Grande Programa!...." em tom satírico) não pode perder a última oportunidade de rir com suas anedotas, hoje, no Teatro Alberto Maranhão, inicio às 20 hs. Não esquecer que ele veio graças à MAGUS PUBLICIDADE, a fim de fazer um comercial para "O ATRAENTE DA PRAÇA". Publio realmente não dorme no ponto....

Labim/UFRN

DIÁRIO DE NATAL

Sexta-feira, 21/06/85



Paulo Silvino

Humorista apresenta-se no teatro

"Vim às Mulheres" é o nome do espetáculo que o comediante Paulo Silvino apresentará às 21 horas de amanhã, no Teatro Alberto Maranhão, no primeiro contato que manterá com o público natalense após 21 anos de carreira artística. Paulo Silvino, conhecido pelos seus personagens exibidos na televisão, encontra-se em Natal participando da gravação de um comercial e está aproveitando a oportunidade para uma apresentação única no Teatro.

Para quem não sabe, Paulo Silvino iniciou sua carreira como cantor de rock, em 1959, ao lado de Wilson Simonal e Roberto Carlos, num conjunto do maestro e arranjador Elmir Deodato. Filho da professora de música Naja Silvino e do humorista e compositor Silvino Neto, Paulo Silvino resolveu mudar de carreira em 1984, ao criar personagens e expressões populares, cuja maioria passou ao domínio público.

Na apresentação de amanhã, ele pretende manter um contato direto com o público natalense num despojamento do ator que se exibe, semanalmente, na televisão. No **tête-a-tête** que pretende manter com o público, Paulo Silvino tem planos de mostrar toda a sua potencialidade artística, num diálogo aberto e descontraído. Ele avisa, porém, que a apresentação será informal e sem cenários pré-elaborados.

Ao analisar a função do humorista dentro da chamada Nova República, Paulo Silvino, cujo avô era o natalense Conrado Pinto Siqueira Campos, afirmou que o país ainda está saindo de um luto nacional, com a morte do Presidente Tancredo Neves, e somente agora os humoristas começam a se posicionar dentro do novo quadro político. Apesar da tristeza, Paulo, aos 46 anos, casado, pai de dois filhos, pretende tirar o luto amanhã, com sua primeira exibição pública.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, QUARTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1985

Vamos relembrar

Paulo Silvino

• Relembrar Paulo Silvino, ator consagrado que aqui esteve em Natal e apresentou "Vim às Mulheres", sábado e domingo últimos. Não soube como foram os espetáculos, pois tive que viajar para o Açu. Aqui foi hóspede do Motel Tahiti e se sentiu orgulhoso de ali permanecer durante sua estada nesta capital. Na quinta-feira, Alcione Dowsley e sua Verinha fizeram questão de homenagear o hóspede, oferecendo-lhe um almoço supimpa, à base do crustáceo: patolas e ovas de peixe à milanesa, casquinhos com muito uísque e cerveja. Depois o almoço com peixe à moda da casa e siri ao coco. Vinhos finíssimos de safras antigas, cafezinho e licor. Divino e maravilhoso. E quem estava presente: além do homenageado, o anfitrião, os jornalistas Petit das Virgens, Vicente Serejo (sempre bem humorado), Marco Aurélio (Dois Pontos) e Publio José, de empresa de propaganda. Lamentou-se as ausências de Dorian Jorge Freire e do Luís Fausto, convidados que não puderam ir.

Labim/UFRN

DIÁRIO DE NATAL

a — Sábado, 22/06/85

MULHERES

Paulo Silvino, o humorista da Tv Globo, veio a Natal para gravar um comercial para televisão e aproveita a oportunidade para fazer um espetáculo hoje à noite no Teatro Alberto Maranhão. Segundo Paulo será um encontro absolutamente despojado, sem grandes efeitos nem cenários, mas permitindo uma conversa dele com o público de Natal. Título do espetáculo "Vim às mulheres".

Labim/UFRN

DIÁRIO DE NATAL

NATAL, SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 1985

Silvino

Tem show hoje à noite no **Teatro Alberto Maranhão**. Paulo Silvino, artista global, está na cidade e promete alegrar o pessoal às 21 horas. **Vim às Mulheres**, título da transa.

Labim/UFRN

Diário de Natal

26-06-85

TOMBAR

Publicado na edição de ontem do Diário Oficial, decreto assinado pelo governador em exercício Radir Pereira, tombando o prédio do Teatro Alberto Maranhão.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1985

De teatro

Estou sabendo que o Governo do Estado determinou por decreto o tombamento do Teatro Alberto Maranhão. Foi assinado pelo governador em exercício Radir Pereira. Muito bem. Subo no tamborete e bato palmas esperando, agora, que o Governo mantenha o teatro conservado e digno. Que se zele por este patrimônio mesmo. Lá em cima, sou capaz de apostar, o Meira Pires está na maior alegria.

Labim/UFRN

TRIBUNA DO NORTE

NATAL, SÁBADO, 29 DE JUNHO DE 1985

Teatro

O governador em exercício, Radir Pereira, decretou o tombamento do Teatro "Alberto Maranhão", cabendo a sua execução à Secretaria da Educação e Cultura e Fundação José Augusto. O Governador tomou por base proposta da Fundação José Augusto e parecer favorável do Conselho Estadual de Cultura.

Labim/UFRN